

DOCUMENTOS YANOMAMI  
N.2 - 2002

**PESQUISA E ÉTICA:  
O CASO YANOMAMI**

*Contribuições brasileiras à controvérsia  
sobre o livro  
Trevas no El Dorado*

**Editor deste número: Bruce Albert (IRD)**





Criada em 1979, a Comissão Pró-Yanomami-CCPY ([www.proyanomami.org.br](http://www.proyanomami.org.br)), originalmente designada por Comissão pela Criação do Parque Yanomami, é uma organização não governamental brasileira, sem fins lucrativos, dedicada à defesa dos direitos territoriais e civis dos índios Yanomami. Trabalhou inicialmente na campanha nacional e internacional pela demarcação da Terra Indígena Yanomami, que veio a ocorrer em 1991. Paralelamente a essa campanha, a CCPY empreendeu um trabalho intensivo de assistência em saúde na área Yanomami entre 1981 e 1999 (trabalho hoje assumido pela ONG especializada URIHI Saúde Yanomami: [www.urihi.org.br](http://www.urihi.org.br)). Após a homologação da Terra Indígena Yanomami em 1992, a entidade reorientou-se para atender, principalmente, à crescente demanda Yanomami por educação, criando, a partir de 1995, numerosas escolas na área indígena. Além desse projeto de educação intercultural, a Pró-Yanomami iniciou, em abril de 2000, a implementação de sistemas agro-florestais em várias regiões degradadas da Terra Indígena Yanomami e está em processo de elaboração de um programa de recuperação ambiental em áreas devastadas pelas atividades de garimpo nos anos 80 e 90.

**Conselho Diretor:** Alcida Rita Ramos (Presidente), Roque de Barros Laraia (Vice-Presidente), Bruce Albert e Henyo Trindade Barretto Filho. **Secretaria Executiva:** Fernando Bittencourt e Jô Cardoso de Oliveira. **Assembléia de Sócios:** Ana Valéria Araújo, Aurélio Virgílio Veiga Rios, Carlos Alberto (Beto) Ricardo, Carlo Zacquini, Claudia Andujar, Daniele Marcelle Grannier, Fernando Bittencourt, George Cerqueira Leite Zarur, Jô Cardoso de Oliveira, Jussara Gomes Gruber, Luciano Mariz Maia, Marcos Wesley Oliveira. **Sócios Honorários:** Nelly Arvelo-Jiménez, Paulo Sérgio Pinheiro.

Fevereiro/2002

Apoio Institucional



## DOCUMENTOS YANOMAMI nº 2

### **Comitê Editorial:**

Alcida Ramos  
Bruce Albert  
Jô Cardoso de Oliveira

### **Capa:**

Mariana Fernandes

### **Editoração:**

Formato 9 Produção Gráfica



#### **Brasília**

SCLN 210 B1 "C" sl 209  
CEP: 70862-530 Asa Norte Brasília - DF  
E-mail: [proyanomamidf@proyanomami.org.br](mailto:proyanomamidf@proyanomami.org.br)  
Tel/Fax: 61 - 347 2980

#### **Boa Vista**

Rua Presidente Costa e Silva, 116  
CEP: 69306-030 São Pedro Boa vista - RR  
E-mail: [proyanomamibv@proyanomami.org.br](mailto:proyanomamibv@proyanomami.org.br)  
Tel: 95 - 224 7068 Fax: 95 - 224 3441

## ***Apresentação***

No final do ano 2000, foram distribuídas informalmente as provas de uma parte do livro do jornalista estadunidense, Patrick Tierney, intitulado *Darkness in El Dorado: How scientists and journalists devastated the Amazon*. A avaliação do conteúdo dessas provas e, pouco depois, do próprio livro (publicado em Nova Iorque por W.W. Norton, 2000 e traduzido para o português como *Trevas no El Dorado: Como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2002) desencadeou uma ampla cobertura internacional nos meios acadêmicos e de comunicação, com repercussões sem precedentes para um livro sobre povos indígenas da Amazônia. Trata-se de uma investigação jornalística sobre as consequências negativas do trabalho de várias equipes de pesquisa envolvendo geneticistas, antropólogos e jornalistas que trabalharam com os Yanomami da Venezuela nos últimos 30 anos. A gravidade dos fatos e testemunhos que o autor apresenta, e por vezes exagera, provocou uma acirrada e longa controvérsia entre antropólogos nos Estados Unidos, mas também na Europa e América Latina, em especial na Venezuela e no Brasil

Quase dois anos após a sua primeira publicação em inglês, apesar de ter saído dos holofotes da mídia, “o caso *Trevas no El Dorado*” ainda alimenta uma acirrada polêmica entre especialistas sobre as condições éticas das pesquisas biomédicas e antropológicas realizadas entre os Yanomami. O leitor pode encontrar uma apresentação detalhada dos diferentes temas, argumentos e fontes que permeiam o debate nos seguintes sites:

[www.anth.uconn.edu/gradstudents/dhume/darkness\\_in\\_el\\_dorado/index.htm](http://www.anth.uconn.edu/gradstudents/dhume/darkness_in_el_dorado/index.htm)

[www.tamu.edu/anthropology/Neel.html](http://www.tamu.edu/anthropology/Neel.html)

<http://www.aaanet.org/edtf/index.htm>

Neste *Documentos Yanomami 2*, a Comissão Pró-Yanomami apresenta um conjunto de contribuições escritas por antropólogos e médicos que têm trabalhado entre os Yanomami no Brasil, dentre os quais dois são membros do seu Conselho Diretor.

Alcida Ramos abre a edição com uma resenha crítica do livro de Patrick Tierney como um todo. Maria Stella de Castro Lobo e seus colegas da Universidade Federal do Rio de Janeiro analisam detalhadamente os dados e a interpretação apresentados no capítulo 5 de *Trevas no El Dorado*, onde Tierney acusa o geneticista estadunidense, James V. Neel, de utilizar, para fins de pesquisa, uma vacina obsoleta que, em 1968, teria provocado uma epidemia de sarampo entre os Yanomami do Orinoco na Venezuela. Foram essas acusações que chamaram a atenção da mídia para o livro. Por fim, Bruce Albert apresenta três textos originalmente escritos para uma mesa redonda eletrônica (divulgada em [www.publicanthropology.org](http://www.publicanthropology.org)) onde ele discute as principais questões éticas levantadas por Tierney relativas às pesquisas biomédicas e antropológicas e que hoje têm relevância direta para a defesa dos direitos dos Yanomami.

Um dos principais pontos do debate em torno de *Trevas no El Dorado* é a coleta de amostras de sangue dos Yanomami da Venezuela e do Brasil nos anos 1960 e 1970 por membros da equipe de James V. Neel, coleta essa que foi feita sem o consentimento informado dos índios. Milhares dessas amostras de sangue Yanomami estariam hoje depositadas na Universidade Estadual da Pensilvânia, nas Universidades de Michigan, Illinois e Emory, e no Instituto Nacional do Câncer-Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos. Com novas técnicas laboratoriais, dessas antigas amostras

pode agora ser extraído material genético (DNA) utilizável em novas pesquisas acadêmicas ou comerciais, de novo, sem que os Yanomami tenham sido devidamente informados nem consultados. Fechando o documento, uma entrevista com Davi Kopenawa, realizada por Bruce Albert, oferece um ponto de vista yanomami sobre essa importante questão.

Em anexo, apresentamos os Boletins Yanomami 25 e 26 editados e divulgados pela Comissão Pró-Yanomami, onde o leitor encontrará informações sobre os desdobramentos da polêmica gerada pelo livro *Trevas no El Dorado* a respeito da localização e utilização das amostras de sangue yanomami conservadas hoje em universidades e institutos de pesquisas nos Estados Unidos.

**Resenha do livro**  
***Trevas no El Dorado: Como cientistas e jornalistas***  
***devastaram a Amazônia, por Patrick Tierney\****

**Alcida Rita Ramos \*\***

---

\* Versão atualizada da resenha publicada em *Current Anthropology*, volume 42, número 2, pp. 274-276, de abril de 2001.

\*\* Professora titular no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e Presidente da Comissão Pró Yanomami

A sobrecapa de *Trevas no El Dorado* reflete o tom de extravagante exagero que permeia todo o livro. Na capa, um subtítulo promete mostrar como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia. Parece que não contam para nada os milhares de trabalhadores de estradas financiadas pelo governo, as dezenas de milhares de garimpeiros em busca de ouro, empresas nacionais e estrangeiras extraindo madeira e megaprojetos de agroindústria, tanto estatais quanto de capital privado. Na contracapa, vemos outra caracterização do livro tão estranha como essa agora feita pelo antropólogo Leslie Sponsel: “em muitos aspectos, é o livro mais importante jamais escrito sobre os Yanomami”. Pode ser que a frase tenha sido descontextualizada para efeitos publicitários, mas ao leitor ela soa no mínimo estranha, considerando que se trata de um livro de importância duvidosa e que, além do mais, nem é sobre os Yanomami. Outras afirmações bombásticas permeiam o texto, tais como proclamar Chagnon “o antropólogo americano mais conhecido depois de Margaret Mead” (p. 8) e atribuir a ele o poder de “enfeitiçar todo o mundo da antropologia” (p. 313). Mas, apesar dos excessos estilísticos, o autor levanta questões muito sérias mesmo quando deixa a sua imaginação jornalística correr solta.

Um aspecto muito intrigante do livro são as modificações significativas feitas pelo autor depois de as provas terem circulado amplamente e se tornarem objeto de um imenso pânico eletrônico no mundo acadêmico. As extensas revisões feitas posteriormente resultaram num emaranhado confuso e às vezes contraditório do que era o ponto-chave nas provas, ou seja, a denúncia contundente de comportamento antiético para com os Yanomami da Venezuela por parte da equipe de pesquisa do geneticista James Neel no final dos anos 1960. No texto publicado essa denúncia é mantida de forma mais amenizada, não havendo qualquer menção às modificações feitas e às inconsistências que delas resultaram.

Nas provas, o capítulo 5, que contém o cerne das acusações do autor, terminava com alusões a operações de acobertamento, fazendo desaparecer, “como as cinzas dos mortos yanomami”, partes importantes de filmes feitos durante a pesquisa. Na versão publicada, fica-se na dúvida sobre as intenções de Neel: “Às vezes, Neel realmente queria ajudar os Yanomami e achava sinceramente que era isso que estava fazendo” (p. 82). Nas provas, Neel era um cientista determinado a levar adiante a qualquer preço suas experiências genético-atômicas. Já na versão publicada, ele e seus assistentes ficam reduzidos a um bando de homens confusos, perdidos no meio de uma devastadora epidemia de sarampo. Quem já viveu o pandemônio de uma epidemia generalizada, consumindo 80 ou 90% de uma comunidade indígena, tem uma idéia do que é esse sentimento de urgência e desorientação (Ramos 1995, cap. 11).

Tierney insiste que Neel usou uma vacina inadequada e mais do que insinua que essa vacina, Edmonston B com vírus ativo, ao invés de proteger os Yanomami, causou a epidemia de 1968 que atingiu as comunidades do alto Orinoco na Venezuela. Embora reconhecendo as opiniões de especialistas de que o vírus da vacina não pode causar epidemias, Tierney reafirma sua opinião baseado num amontoado de atos, fatos e datas mal descritos envolvendo a equipe de Neel. Na página 71, por exemplo, Neel teria mandado o cinegrafista da equipe, Timothy Asch, filmar a epidemia, mas, na página 95, ele proibiria a exibição dos doentes no filme. Na mesma página, Neel opõe-se a que sua equipe medique os índios por considerar um desperdício do tempo de pesquisa, mas, na página seguinte, ele envia a Caracas ansiosas mensagens pelo rádio pedindo antibióticos.

Foi preciso o escrutínio paciente e minucioso do caótico capítulo 5 por parte de um grupo de epidemiologistas brasileiros, dois deles com grande experiência em epidemias entre os Yanomami no Brasil, para desatar o nó dos eventos descritos por Tierney (Lobo et al. neste volume). A epidemia de sarampo que cercou a equipe de Neel teve origem em dois pontos do território yanomami do lado brasileiro: Apiaú, em abril/maio de 1967, irradiando-se para Mucajaí no final de 67, e Toototobi, em setembro/novembro do mesmo ano, espalhando-se para o alto Demini e atravessando as serras até a Venezuela, seguindo as trilhas freqüentemente usadas pelos Yanomami em suas visitas entre aldeias. Em janeiro, quando Neel e sua equipe chegaram a Ocamo, a epidemia havia atingido várias malocas

venezuelanas e assim as vacinas foram administradas tarde demais. Em resumo, a epidemia chegou antes das vacinas, como o próprio Neel afirma em sua autobiografia (1994:162). O documento dos especialistas brasileiros, bem como vários outros escritos por epidemiologistas que estão disponíveis em sites da Internet, oferece dados técnicos que refutam o principal argumento de Tierney de que foram feitas experiências com vacinas usando os Yanomami como cobaias.

Sem o apoio do argumento sobre a suposta vacina experimental, *Trevas no El Dorado* perde muito de sua força e se torna apenas mais uma narrativa sobre comportamento científico antiético. Foi o peso da acusação de experiências biomédicas envolvendo um cientista altamente conceituado e um povo indígena altamente exotizado que salvou esse livro do quase esquecimento, destino que não poupou um outro texto, do mesmo estilo tablóide, sobre etnólogos yanomami na Venezuela, que é o livro *Spirits of the Rainforest*, de Mark Ritchie (1996).

*Trevas no El Dorado* recebe elogios de Terence Turner na sobrecapa por sua sólida documentação. De fato, há uma profusão de notas de pé de página, mas um exame mais detido dessas notas revela ausência de cuidado. Por exemplo: para contestar os dados de Chagnon sobre poliginia entre os Yanomami, Tierney escolhe uma frase retirada de uma etnografia Waorani (nota 104, cap. 10). Para sustentar sua descrição da “triste história dos Marashi-teri e sua luta contra a corrida do ouro”, ele cita um artigo de Bruce Albert sobre uma outra comunidade yanomami escrito bem antes da corrida do ouro.

Se, como auto-atribuído epidemiologista, Tierney não se sai muito bem, como etnógrafo ele é igualmente desastrado. Alusões a regras de casamento, xamanismo, o mundo espiritual e diálogos cerimoniais não passam de pastiches mal digeridos de publicações etnográficas e fragmentos de informações coletadas de intérpretes ao longo de sua cruzada pelas malocas venezuelanas. Tierney consegue os melhores resultados quando desempenha seu papel específico de jornalista, principalmente no capítulo 11, onde ele segue a pista de documentos venezuelanos e informações que podem elucidar o complicado caso Brewer Carías, a associação deste com Chagnon e o envolvimento de funcionários governamentais (e extra-governamentais, como a amante do presidente da República) em grandiosos esquemas envolvendo terras yanomami.

Tierney também tem o mérito de forçar a comunidade acadêmica a dar atenção à questão da ética na pesquisa. Ao expor insistentemente e a todo volume o comportamento chocante de antropólogos estrangeiros na Venezuela, ele conseguiu fazer o que vários de nós, antropólogos brasileiros, aparentemente não logramos com a sobriedade do discurso acadêmico, quando tentamos alertar os cientistas sociais americanos sobre os efeitos negativos de descrições irresponsáveis sobre a vida yanomami (Albert 1989, 1990; Albert and Ramos 1988, 1989; Carneiro da Cunha 1989).

Mesmo quando escândalos como esse são reduzidos às suas devidas proporções, depurados do sensacionalismo que os acompanha, ainda resta muita roupa suja para ser lavada na academia antropológica, principalmente, nos Estados Unidos. Em seus projetos genéticos com populações yanomami “de solo virgem” (Neel 1994: 161), terá Neel seguido os protocolos internacionais como a Declaração de Helsinki I, ou o do Tribunal Internacional de Nuremberg de 1947, que requer consentimento informado de sujeitos de pesquisa com seres humanos? Terá Chagnon observado essas normas quando extraiu dos Yanomami litros de sangue e os levou para os Estados Unidos, quando violou o segredo dos nomes dos mortos e apontou uma câmera filmadora para um povo notoriamente avesso a fotografias? O que aconteceu com o sangue yanomami? Que procedimentos têm sido observados a respeito dos direitos intelectuais dos Yanomami? Por quanto tempo ainda a comunidade antropológica nos Estados Unidos continuará a ignorar as conseqüências sociais de escritos etnográficos antiéticos? Por quanto tempo ainda se poderão sustentar posições inflexíveis sobre a neutralidade das ciências sociais?



O próprio trabalho de Tierney não está imune a críticas. Após fulminar Chagnon e Lizot por suas abusivas filmagens, incluindo a documentação dos estertores de uma mulher agonizante e depois sua cremação, Tierney mostra fotografias de mulheres e crianças doentes e agonizantes (fotos não numeradas entre pp. 164 e 165, e p. 226). Depois de condenar Chagnon por subornar os Yanomami para que violassem seus próprios costumes, Tierney “quintuplicou” o salário de seu guia yanomami (p. 276) para persuadi-lo a continuar sua romaria na selva retrazendo os passos de Chagnon, herói e inspiração filosófica de seus tempos de faculdade (pp. xxiii-xxiv). Nas mãos de Tierney, a guerra yanomami reduz-se a disputas sobre como ter acesso aos antropólogos (p. 276), insólita versão do obsessivo debate entre Napoleon Chagnon e Marvin Harris sobre a violência yanomami. Joguetes dos caprichos comerciais dos antropólogos, os Yanomami de Tierney não têm coerência cultural, nenhuma vontade própria e, cegamente, matam-se uns aos outros por causa de bugigangas ocidentais.

No coração das trevas do *El Dorado* de Tierney, os Yanomami são descritos como “a gente mais franzina e raquítica do mundo” (p. 8), em perpétuo estado de fome por causa de limitações ecológicas e abusos antropológicos. Seguindo a mesma linha dos epítetos que têm sido profusamente aplicados a esses índios pelos anos a fora, o leitor desavisado poderia levar a caracterização de Tierney às últimas conseqüências e tachar os Yanomami de “o povo faminto”. O preconceito aqui fica ainda mais óbvio quando se observa que o parâmetro escolhido por Tierney para estabelecer a altura humana apropriada são “as pessoas nos Estados Unidos hoje” (p. 265). Enredados na espiral competitiva de egos ocidentais, os Yanomami têm sido constantes vítimas de oportunistas muito mais preocupados em promover suas carreiras do que o bem-estar e a dignidade dos índios.

A ironia de tudo isso é que os Yanomami, sempre chamados de a tribo mais primitiva do mundo, vêm demonstrando um tremendo talento como estudantes no programa de educação lançado em 1995 pela Comissão Pró-Yanomami. Em apenas sete anos, esses alunos sem experiência anterior com a língua nacional, dominaram a técnica da escrita, vêm produzindo seus próprios textos com computadores, adquiriram habilidades didáticas, aprendem o bom português e passam regularmente em exames oficiais de microscopia. Onde está, afinal, esse primitivismo, senão nos olhos de quem o vê?

## BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, Bruce. 1989. Yanomami 'Violence': Inclusive fitness or ethnographer's representation. *Current Anthropology* 30: 637-40.
- \_\_\_\_\_. 1990. On Yanomami warfare: A rejoinder. *Current Anthropology* 31: 558-62.
- ALBERT, Bruce and Alcida Rita RAMOS. 1988. O extermínio "acadêmico" dos Yanomami. *Humanidades* (Universidade de Brasília) 18: 84-89.
- \_\_\_\_\_. 1989. Yanomami Indians and anthropological ethics. *Science* 244: 632.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1989. Letter to the Committee on Ethics of the American Anthropological Association from the President of the Brazilian Anthropological Association. *Anthropology Newsletter* January.
- NEEL, James. 1994. *Physician to the Gene Pool: Genetic lessons and other stories*. New York: John Wiley & Sons.
- RAMOS, Alcida Rita. 1995. *Sanumá Memories: A Yanomami ethnography in times of crisis*. Madison: University of Wisconsin Press.
- RITCHIE, Mark. 1996. *Spirit of the Rainforest*. Chicago: Island Lake Press.
- TIERNEY, Patrick. 2000. *Darkness in El Dorado: How scientists and journalists devastated the Amazon*. New York: W.W. Norton.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Trevas no El Dorado: Como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia*. Rio de Janeiro: Ediouro.
-